
Thérèse Saint-Julien e Renaud Le Goix

Retratos da metrópole parisiense

Avertissement

Le contenu de ce site relève de la législation française sur la propriété intellectuelle et est la propriété exclusive de l'éditeur.

Les œuvres figurant sur ce site peuvent être consultées et reproduites sur un support papier ou numérique sous réserve qu'elles soient strictement réservées à un usage soit personnel, soit scientifique ou pédagogique excluant toute exploitation commerciale. La reproduction devra obligatoirement mentionner l'éditeur, le nom de la revue, l'auteur et la référence du document.

Toute autre reproduction est interdite sauf accord préalable de l'éditeur, en dehors des cas prévus par la législation en vigueur en France.



Revues.org est un portail de revues en sciences humaines et sociales développé par le CLEO, Centre pour l'édition électronique ouverte (CNRS, EHESS, UP, UAPV).

Referência electrónica

Thérèse Saint-Julien e Renaud Le Goix, « Retratos da metrópole parisiense », *Confins* [Online], 6 | 2009, posto online em 01 juillet 2009. URL : <http://confins.revues.org/index6000.html>

DOI : en cours d'attribution

Éditeur : Hervé Théry
<http://confins.revues.org>
<http://www.revues.org>

Document accessible en ligne à l'adresse suivante : <http://confins.revues.org/index6000.html>

Document généré automatiquement le 30 septembre 2009.

© Confins

Thérèse Saint-Julien e Renaud Le Goix

Retratos da metrópole parisiense

- 1 « *La métropole parisienne, centralité, inégalité, proximité*¹ » propõe uma leitura e uma interpretação das tendências do território da Île de France (a região que inclui Paris e sete outros *départements*), ou seja, uma grande metrópole mundial de cerca de 11,3 milhões de habitantes em 2004, ligada às redes da globalização e da metropolização. O livro esboça os traços principais de suas estruturas territoriais emergentes, sublinha os desafios, o alcance dos mesmos e as contradições. Sem pretensão enciclopédica, as contribuições reunidas chamam a atenção para as características e o funcionamento do território metropolitano parisiense, para os seus centros e as suas periferias, para os seus lugares e as suas lacunas, as suas fraturas e as suas relações, as suas tensões e as suas “conivências”, procurando deslindar o que nas tendências observadas provém de mecanismos gerais, comuns ao conjunto das grandes metrópoles desenvolvidas, e o que aparece ser mais especificamente parisiense².

Questões de centralidade, de desigualdades e de proximidade

- 2 As grandes questões colocadas por este livro referem-se às proximidades e às distâncias da metrópole, aos desafios do policentrismo, ao futuro de um modelo territorial de “mixidade social” e por último, ao “viver a metrópole”

Proximidades e distanciamientos

- 3 A questão das proximidades na metrópole leva a uma re-invenção das práticas e das representações do espaço regional *francilien* (da Île de France³), que se impõe progressivamente, de fato, nas grandes orientações dadas aos modelos de ordenamento. A relação de proximidade transformou-se, a distanciação mudou de escala e provavelmente de sentido. Mesmo se há ainda certo papel, o espraiamento físico não é a única causa. Nas sociedades da informação, das quais as grandes metrópoles dos países mais desenvolvidos são as precursoras, as fragmentações econômicas, sociais e espaciais e a força das individualizações geram defasagens crescentes entre o espaço e o tempo, entre o espaço e os sentimentos de fazer parte dos lugares.
- 4 Os territórios metropolitanos constroem-se com base em relações cada vez mais distendidas entre distância e proximidade que, de maneira muito contraditória, geram ao mesmo tempo integração e amplificação das fragmentações. Assim, as proximidades metropolitanas redefinem-se em um espaço cada vez mais vasto, o qual os meios de comunicação tornam mais fluidos. As avaliações das proximidades, cada vez mais sensíveis à variedade das representações que se faz das mesmas, podem afastar-se a distâncias realmente praticadas. Na escala da Ile-de-France, o livro aborda estas evoluções sob diferentes ângulos, as centralidades emergentes (capítulos de 1 até 4), e o do aparecimento de lugares “de risco” na rede dos transportes coletivos, neste caso mais relacionado com a sua posição nesta rede que com ambientes de superfície (capítulo 13). A uma escala mais individual, estas novas representações da proximidade estão presentes no estudo das estratégias de fuga das regras do mapa escolar (capítulo 8), ou ainda nas formas de enraizamento que desenvolvem os habitantes das cidades novas (capítulo 12). Todos são sinais de libertações em relação à distância no ambiente metropolitano, que é a expressão dos novos territórios de sociabilidade.
- 5 Tendências contrárias, igualmente representativas de uma ativa metropolização do espaço *francilien* podem coexistir com as precedentes. Assim, as vizinhanças físicas, e às vezes novas formas destas vizinhanças, exercem uma forte influência. É patente a força das

vizinhanças impostas aos habitantes que, precisamente, acedem o mais dificilmente ao modelo da mobilidade generalizada, com seu avesso, a distanciação dos outros, do resto da área metropolitana (capítulos 5 a 8). Assistem-se assim nos espaços residenciais à re-invenção de vizinhanças por afinidades. Livremente procurados, exprimem em geral uma vontade “de ser si mesmo”, “entre si”, de “distinção”, de “proteção” e geralmente, de “valorização” (capítulo 9). A volta das representações baseadas na identidade valoriza as vizinhanças na escala local, como o demonstra as reflexões dos urbanistas e a dos políticos, a atenção dada à democracia local, o renascimento da idéia de bairro ou ainda, de espaço público (capítulos 10 e 11). Existem, por último, vizinhanças metropolitanas construídas pelas empresas. Não somente as necessidades “de comutação e flexibilidade” destas fazem-nas concentrar-se no “biótopo” da capital, mas ainda podem, no seu seio, aproximar-se livremente dos seus semelhantes ou dos seus complementares, para formar verdadeiros pólos especializados, analisados nos capítulos 1 e 4.

- 6 Do outro lado, a idéia de contexto espacial, à qual remetem vários capítulos, leva os autores a interrogar-se sobre os papéis das vizinhanças e das proximidades geográficas nas estruturas sociais no meio metropolitano. Pergunta incômoda para quem exclui da explicação social tudo que faz diretamente parte dele, num espaço tão fortemente integrado, mas também tão fragmentado como a Ile-de-France, e no qual os perímetros dos espaços de vida são desenhados muito mais livremente que no passado. Estes efeitos de contexto espacial mereciam ser olhados rigorosamente, o que fazem os capítulos 4 e 7. A idéia de contexto espacial é abordada por uma análise das relações aos lugares, vistos sob o ângulo do enraizamento dos habitantes das cidades novas (capítulo 12), e do sentimento de pertencer ao lugar dos habitantes dos “bairros” parisienses (ou seja, no coração da metropolização, onde não se esperava este sentimento).

O desafio do policentrismo

- 7 O primeiro Esquema de Ordenamento da Região parisiense tentava, em 1965, responder a um desafio essencial: apoiar o crescimento da região parisiense sobre um desenvolvimento territorial policêntrico. Inscrevia, este último, no nível dos grandes objetivos a atingir, e a construção das cidades novas na periferia da metrópole representava uma das operações mais emblemática desta escolha. Em ruptura com o desenvolvimento monocêntrico plurissecular desta região, o projeto podia parecer vanguardista no contexto francês. Qual é a situação frente a este desafio lançado há quarenta anos?
- 8 O contexto mudou, o policentrismo está hoje na moda, invadiu as representações do Mundo e as dos territórios, cada um dando uma acepção a esta noção, seja econômico, seja social, ou político, ou territorial. Aplicada ao desenvolvimento territorial metropolitano, a imagem policentrista certamente não deixa de recordar o modelo clássico da cidade de núcleos múltiplos ou, ainda o da megalópole apresentado por J. Gottman em 1961. É, contudo, difícil evocar o policentrismo metropolitano que emerge na Ile-de-France, desde algumas décadas, sem retornar diretamente aos trabalhos da escola de Los Angeles e em especial à obra de A.J. Scott e E.W. Soja (1996), que tende a fazer da metrópole californiana, descentralizada, exurbanizada e policêntrica, a representação quase paradigmática de um momento da metrópole, o da emergência da cidade pós-moderna. Los Angeles seria assim o protótipo ligeiramente caricatural da nova cidade, ainda para aparecer nas outras grandes metrópoles multimilionárias. Com outras palavras e referências teóricas mais multiformes é efetivamente esta evolução policêntrica das grandes metrópoles que sublinha F. Ascher (1995) sob a expressão de “métapole”.
- 9 Que pertinência dar esta referência ao “modelo californiano” para entender as evoluções policêntricas da região metropolitana parisiense, aparentemente situada nos antípodas do modelo que presidiu a formação de Los Angeles durante perto de um século? Os esquemas antigos que interpretavam a cidade em termos de centro e de periferia, de eixos estruturantes e ângulos mortos, perderam o valor, mesmo na Europa? O livro analisa como as estruturas

territoriais *franciliennes*, provindo da bifurcação policêntrica começada há mais de quarenta de anos, ajusta-se às anteriores, procedentes da formação de uma região urbana fortemente monocêntrica. Os diferentes capítulos da primeira parte mostram que o modelo policêntrico metropolitano decifra-se na Ile-de-France, não somente nas formas e nos funcionamentos territoriais, mas também nas práticas de um espaço metropolitano, marcado desde muito tempo por uma profunda dualidade centro-periferia.

Que futuro para um modelo de “mixidade social”

- 10 Subúrbios em chamas, bairros que se fecham, escolas que afugentam ou cobiçadas, os bens imobiliários que se supervalorizam ou degradam-se apenas na base do rótulo de um bairro, são sinais da aspereza das tensões aparecidas entre a organização dos espaços sócio residenciais e o estado da coesão social do conjunto regional metropolitano. Devido à estas tensões, as perguntas relativas ao modelo social metropolitano em geral, ao da Ile-de-France em especial, estão sem dúvida entre as mais debatidas pelos responsáveis políticos e os cidadãos- residentes, todos os que detêm alguma parcela de vida coletiva, e certamente pelos cientistas. Os comportamentos de mobilidade são hoje simultaneamente guiados por uma sensibilidade exacerbada às vizinhanças, rejeitadas por uns e procuradas por outros e a gestão das proximidades deixa mais lugar às vizinhanças por afinidade. Tais fatos fazem com que os debates sobre o modelo social metropolitano coloquem a sua dimensão territorial no foco da questão.
- 11 Paradoxalmente, a imagem metropolitana, freqüentemente associada à idéia de conexidade, de mobilidade, de fluidez, e doravante de diversidade, é também ligada à de fragmentação. Para muitos, a metrópole levaria hoje ao seu paroxismo anomia, desvinculação, rompimento e finalmente, segregação social. Certamente as especializações sociais dos espaços residenciais nas grandes cidades, e em Paris em especial, atraíram a atenção bem antes que o termo de segregação fosse introduzido para qualificar estas distâncias sociais na cidade. O emprego deste termo, contudo, marcou uma deslocação progressiva da questão social para a questão urbana. A distância física passa a ser na cidade uma espécie de indicador da distância social, entre incluídos e excluídos, entre os da “cidade” e os dos “subúrbios”, entre “os que fazem parte e os que não fazem parte”. A segregação social apareceu como a inscrição no solo das desigualdades sociais geradas pelo mercado do solo e da habitação, e pelos jogos de afinidades socioculturais.
- 12 É menos a novidade do fenômeno que a exacerbação destas distâncias, e o reforço das polarizações sócios espaciais que decorrem nos contextos de metropolização, que retêm a atenção dos autores do livro. Abordam estes processos sociais de distâncias espaciais recolocando-os no modelo da grande metrópole, por construção socialmente muito diversificada. Interrogam-se sobre o estatuto dado hoje à noção de mixidade sócio-espacial, freqüentemente invocada a propósito da região Ile-de-France, tanto nas reflexões relativas às políticas de moradia, como nas que se referem às “políticas da cidade”. Simples utopia e tema de discursos moderadores em contraponto à amplificação das formas de exclusão e às fascinações e aos medos do gueto; componente necessária da fluidez metropolitana; ou simplesmente herança de fim de ciclo de uma urbanidade de formas ultrapassadas? A evocação da divulgação do modelo dos condomínios fechados no sudoeste *francilien* por um lado (capítulo 9), a das formas mais extremas da exclusão sócio-espacial por outro lado (capítulos 6 e 7), põem em destaque facetas da região que fazem da idéia da mixidade social uma utopia. No entanto, o estudo sobre a renda das famílias *franciliennes* (capítulo 5) recorda a força que tem nesta região, e em especial no seu centro, a expressão de certa mixidade social, o que reforçaria a idéia que esta última é realmente uma componente necessária da fluidez metropolitana.
- 13 O conjunto das reflexões propostas remete ao grau de pertinência das únicas categorias sociais disponíveis para ler a metrópole em geral, e o seu território em especial. A diversidade interna das sociedades metropolitanas, as fragmentações sócio espaciais do seu território podem

continuar a ser lidas unicamente pelo prisma de uma categorização definida com base num modelo das classes sociais em parte herdado? Uma leitura social do território da metrópole que vai até nos seus recessos mais profundos não exige que esta grelha seja revisitada e enriquecida, levando em conta as evoluções ligadas às novas formas do trabalho e de não-trabalho? E as formas cada vez mais diversificadas da família e à do gênero também? O capítulo 5 faz explicitamente referência a este debate quando explora vias susceptíveis de melhor dar conta, tanta da precariedade de certas populações como da proteção de algumas outras, e, sobretudo da extrema a diversidade dos modelos, poder-se-ia dizer, de classes intermédias.

Viver na metrópole

- 14 Várias contribuições evocam por último, na dimensão da relação com o território, a questão do “viver na metrópole”, que M. Bassand (1997) chama o “métropolidade”. Colocando o indivíduo no meio das práticas e acima de qualquer forma de vida social, a métropolidade exprimiria de outra maneira o “viver juntos” que permite diferenciar o tipo de vida metropolitano da urbanidade, do estilo de vida da cidade moderna, maneira de ser sociável entre cidadãos. O propósito dos autores do livro não é aqui tanto de debater a pertinência da distinção urbanidade/métropolidade mas sim tentar entender, através de alguns exemplos, como os habitantes vivem na metrópole: na sua mobilidade, nos seus modos de habitar reinventados, como, por exemplo, o desenvolvimento dos condomínios fechados; nas suas concepções urbanísticas e nos usos dos espaços públicos parisienses; e por último, no regresso do bairro ao seio das representações da cidade. O estudo dos contextos espaciais das zonas urbanas sensíveis é, pelo avesso, outra forma do viver juntos que a metrópole impõe.

Balanco e perspectivas para a metrópole parisiense

- 15 O espaço metropolitano regional aparece como posto sob tensão pelas dimensões territoriais do processo de metropolização. Reorganizações das centralidades, remodelagem sócio-espaciais ou ainda, reinvenção das vizinhanças, todas as dimensões territoriais restituem esta imagem de um território sujeito a fortes perturbações. Algumas delas remetem a evoluções metropolitanas relativamente universais. Neste sentido, as transformações deste espaço regional inscrevem-se num processo de adaptação ao qual é sujeita, de maneira mais ou menos brutal, a maior parte das grandes metrópoles. Outras transformações poderiam parecer mais dependentes de especificidades regionais, que se deixam fechar mais facilmente em categorias já conhecidas e tornando às vezes árduo a decodificação das evoluções, que mudam em profundidade este território. De fato, as formas espaciais existentes e as aparentes contradições das evoluções em curso exprimem ao mesmo tempo uma forte resiliência do sistema regional e a sua renovação, o que sublinha a aparição de novas dimensões territoriais.

Resiliência

- 16 As forças de resiliência do sistema territorial metropolitano transparecem em várias das suas dimensões. Dinâmicas ativas de adaptação conduzem à conservação das formas espaciais existentes. Nesta metrópole, construída ao longo do tempo ao redor de um centro potente e relativamente hegemônico, a formação de uma estrutura central mais complexa pode ser interpretada como uma expressão de resiliência do sistema territorial regional. Esta reinvenção de um centro assegura, por sua vez, uma forma de continuidade da potência do gradiente centro-periferia, cuja força é atestada pelos diferenciais fundiários e imobiliários. Dinâmicas que explicam certas permanências sócioespaciais da região parecem ir no mesmo sentido. Interpreta-se assim a resistência, ou mesmo o reforço, das polarizações sócioespaciais que opõem nordeste e sudoeste da região, forma contemporânea muito da antiga setorização social leste-oeste, de Paris primeiro, da aglomeração parisiense em seguida. Algumas das

tensões observadas no espaço social parisiense como tal aparentam-se à formas de resiliência. É o caso das tensões, no coração da região, entre duas evoluções aparentemente contrárias, emburguesamento por um lado e de renovação de formas locais da diversidade social, percebida em uma escala relativamente fina do tecido urbano, por outro lado. Por último, as procuras contemporâneas para um re-invenção dos espaços de vida, abordadas na terceira parte do livro, podem ser entendidas parcialmente como simples efeitos de um ajustamento das proximidades à espaços de vida mais estendidos e mais fragmentados.

Surgimentos

- 17 No entanto, este quadro de interpretação é incapaz de dar um sentido a algumas das transformações identificadas. Estas remetem mais à formas territoriais emergentes, anunciadoras de um sistema metropolitano lançado em uma nova trajetória. Esta emergência transparece em primeiro lugar nos lineamentos de uma estruturação territorial regional mais descentralizada e mais policêntrica, que adivinha-se ao mesmo tempo na formação de uma estrutura central policêntrica, e na vigorosa remodelagem das centralidades periféricas. Pode também ser vista em certas evoluções sócioespaciais. A formação de subconjuntos territoriais socialmente homogêneos não pode mais ser interpretada exclusivamente em relação ao esquema dos dois pólos antagônicos, do leste e do oeste. As evoluções do centro parisiense e as da coroa suburbana retiveram a atenção. Muito além das tensões que percorrem o espaço central da região e que travam a sua homogeneização, o emburguesamento irreversível e a museificação poderiam vencer, representando então uma das faces da ruptura, entre as mais visíveis. Além disso, a homogeneidade bastante forte da coroa suburbana, feudo das famílias das classes médias, e dos empregos pouco ou medianamente qualificados, impôs-se progressivamente. Ora viu-se que as estruturas trabalho-residência desta vasta coroa não são isentas de tendências a "endogeneidade", portadoras à sua volta de uma nova compartimentação do funcionamento social e econômico do espaço metropolitano.
- 18 A uma escala mais local desta vez, as ancoragens periféricas ou ainda, a desmultiplicação dos processos de enclavamento (na escala do loteamento ou de municípios inteiros) viriam confortar esta faceta da compartimentação metropolitana. Este enfraquecimento do sentido e da necessidade do todo, é um índice da fragilidade das práticas e das representações de um território metropolitano unificado e fortemente integrado, das contradições das quais são portadoras estas formas em emergência. Os ajustamentos entre policentrismo e integração sócioterritorial parecem hesitar sobre as direções a serem tomadas.

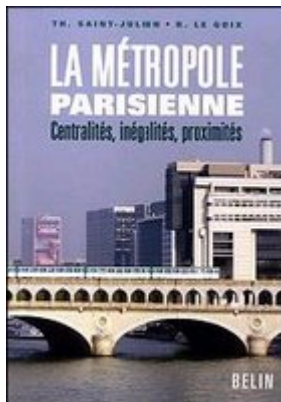
Quando a região toma o seu lugar

- 19 A vigilância benevolente do Estado marcou com todo o seu peso, desde muito muito tempo, sobre a evolução territorial de Paris, e desde há meio século sobre o restante de sua região. Os efeitos deste peso do Estado, e mais amplamente do poder público, essenciais em diferentes domínios, não foram isentos de contradições. Ao longo das páginas, os autores várias vezes recordaram o papel essencial desempenhado pelo poder público nas reorganizações das centralidades regionais. A criação de grandes infraestruturas, a aplicação de vastos programas de urbanismo, acompanhados do desenvolvimento de uma malha extremamente densa de infra-estruturas de transporte intrametropolitano, devem muitas à iniciativa duradoura do Estado, à sua capacidade de planejamento e o seu peso no estímulo ao investimento privado durante quase meio século. Não se imagina os grandes pólos de atividade, La Défense, Roissy e Orly por exemplo, não se concebe a implementação das cidades novas, sem esta vigilância ativa do Estado.
- 20 Em outros lugares, os efeitos das intervenções públicas, sobretudo as ligadas a certas escolhas urbanísticas, combinadas a certas facetas das políticas de habitação, foram igualmente notáveis, ainda que às vezes sejam mais discutidas. Assim é, por exemplo, as escolhas complexas que conduziram à uma relativa concentração geográfica das habitações sociais

no nordeste de Paris e a pequena coroa, alargando e reativando a setorização sócioespacial da região ou ainda, a partir do fim dos anos 1970, a escolha de políticas de “ajuda à pedra” (políticas da casa própria) que aceleraram e estenderam a periurbanização. Pode-se também evocar as incidências sócioespaciais dos inúmeros programas de renovação e reabilitação, muito ativos não somente em Paris mas também nas comunas (municípios) da coroa mais densa. Embora frequentemente considerados aceleradores do emburguesamento central, estes programas merecem, no entanto, ser analisados: pôde-se constatar, por exemplo, a relativa resistência da mixidade social em Paris, não obstante o crescimento constante dos preços fundiários e imobiliários parisienses, recordando-se então o papel da intervenção pública que, na maior parte dos programas de renovação soube ainda impor, por exemplo, uma quota de habitações sociais.

- 21 O desengajamento anunciado e já iniciado do Estado, e o a transmissão do ordenamento deste espaço regional às entidades públicas que são a região, os *départements*, ou mesmo até os municípios, poderiam contribuir para uma outra bifurcação deste território metropolitano. Por um lado, a retração do Estado põe a nu o grande esfrelamento das intervenções espaciais das autarquias locais, e as disparidades extremas de suas capacidades de intervenção em relação ao nível de sua população, os recursos da mesma e sobretudo, o seu potencial de atividade econômica. As recentes comunidades de aglomeração são um pequeno passo em direção à necessidade de superar o esfrelamento. A responsabilidade da melhoria dos desempenhos territoriais da região, bem como de sua coesão espacial, está doravante largamente entre as mãos da instância regional, em conjunto com os departamentos.
- 22 A Região saberá formular, para este território francilien, ambições à altura da posição internacional do mesmo, assumir política e financeiramente os riscos, e ser por último este chefe de orquestra indispensável para assegurar a coerência das ações de uma multidão de atores e de operadores, doravante necessariamente convidados grandes a todos os projetos? Nestes domínios, a concepção e a aplicação de um novo SDRIF (Plano diretor da região Ile-de-France) será a “prova dos nove” para o estabelecimento público regional, que deve também aceitar um olhar ou mesmo a vigilância do Estado, que não compartilha à este grau com nenhuma outra região francesa. O pedido formulado por este, em 2007, de uma revisão detalhada das propostas apresentadas pela região Ile-de-France para o novo SDRIF, ou ainda a sua intervenção direta na pilotagem de uma reflexão para o ordenamento de uma grande Paris em 2008 são provas disso.

Table des matières



Introduction.

I. Centralités

- 23 Chapitre 1. Les pôles de l'activité métropolitaine.
- 24 Chapitre 2. Le rôle du tourisme dans la construction et le fonctionnement de la centralité parisienne.

- 25 Chapitre 3. Des universités en concurrence.
 26 Chapitre 4. Navettes et disjonction sociale dans une métropole multipolaire.

II. Inégalités

- 27 Chapitre 5. Riches et pauvres en Ile-de-France. Forme et sens des voisinages.
 28 Chapitre 6. Changements sociaux et transformations de l'espace.
 29 Chapitre 7. Les contextes locaux de la précarité sociale.
 30 Chapitre 8. La carte scolaire en ses contours.

III. Proximités

- 31 Chapitre 9. Fermetures et « entre soi » dans les enclaves résidentielles.
 32 Chapitre 10. Qu'est-ce qui fait quartier dans Paris : l'exemple du quartier latin.
 33 Chapitre 11. Aménager les rues pour changer la ville.
 34 Chapitre 12. L'ancrage des enfants de la « première génération ville nouvelle ».
 35 Chapitre 13. La délinquance dans le réseau ferré de la RATP : « Points chauds » et effets de réseau.
 36 Conclusion

Auteurs

- 37 BARON, Myriam (Université Paris 7, UMR Géographie-cités)
 38 BERROIR, Sandrine (Université Paris 7, UMR Géographie-cités)
 39 CALLEN, Delphine (Université Paris 1, UMR Géographie-cités)
 40 CATTAN, Nadine (CNRS, UMR Géographie-cités)
 41 CUNTY, Claire (Université Lyon 2, UMR Géographie-cités)
 42 DUHAMEL, Philippe (Université d'Angers, MIT)
 43 FLEURY, Antoine (Université Paris 7, UMR Géographie-cités)
 44 FRANÇOIS, Jean-Christophe (Université Paris 7, UMR Géographie-cités)
 45 HUMAIN-LAMOURE, Anne-Lise (Université Paris 1, UMR Géographie-cités)
 46 IMBERT, Christophe, géographe (Université de Poitiers, UMR Migrinter)
 47 KNAFOU, Rémy (Université Paris 1, MIT)
 48 LE GOIX, Renaud (Université Paris 1, UMR Géographie-cités)
 49 LESECQ, Guillaume (MEEDAT)
 50 MATHIAN, Hélène (CNRS, UMR Géographie-cités)
 51 RHEIN, Catherine (CNRS, UMR Géographie-cités)
 52 RIBARDIERE, Antonine (Université Paris 1, UMR PRODIG)
 53 SAINT-JULIEN, Thérèse (Université Paris 1, UMR Géographie-cités)
 54 SANDERS, Lena (CNRS, UMR Géographie-cités)

Notas

1 Thérèse Saint-Julien et Renaud Le Goix (éditeurs), *La métropole parisienne centralités, inégalités, proximités*, 2007, Paris, Belin, 333 p.

2 Os textos reunidos no livro resultam de um conjunto de trabalhos de pesquisa realizados no âmbito da *Unité Mixte de Recherche Géographie-Cités* sobre os ajustamentos do território metropolitano ao processo de metropolização, bem como uma contribuição da equipe M.I.T. (capítulo 2). As referências precisas destes trabalhos estão na bibliografia associada à cada texto

3 A metrópole parisiense será às vezes identificada sob o nome de metrópole *francilienne*, o perímetro da região Ile de France sendo bastante próxima do espaço metropolitano parisiense

Para citar este artigo

Referência electrónica

Thérèse Saint-Julien e Renaud Le Goix, « Retratos da metrópole parisiense », *Confins*
[Online], 6 | 2009, posto online em 01 juillet 2009. URL : <http://confins.revues.org/index6000.html>

Thérèse Saint-Julien

therese.saint-julien@wanadoo.fr,

Renaud Le Goix

Renaud.Le-Goix@univ-paris1.fr

Direitos de autor

© Confins
